

## Galeria Sistina

Rua Augusta, 1791 São Paulo  
5.a feira, 6 de outubro de 1960  
18,30 horas

### Manabu Mabe

Desde que se definiu, na sua forma atual, a pintura de Manabu Mabe tornou-se, a quantos acompanham os casos ocorrentes no meio artístico, uma motivação de atenciosa e pertinente análise.

Esse lavrador de Lins, que um eventual acidente esportivo levaria a ser o «pintor de domingo» de um sítio, no «hobby» sedentário que faria dele um artista, chegou, em poucos anos, a uma plenitude de riqueza expressiva toda baseada em seu trabalho. Temos, então, de considerar nele uma incidência, feliz e rara, de instinto e intuição, a que reduzidas indicações conduziriam a projetar-se, com uma pintura admirável, na eclosão súbita e forte de uma individualidade marcada, entre seus pares.

E' o autodidata, visceralmente pintor, que não pode e não deve ser enquadrado numa «linha da moda», como alguns críticos traçaram a inadequada observação. Chegaria a isso, quem não fôsse entranhadamente pintor, como Manabu Mabe o é; quem se ilustrasse com as várias informações de mais sucesso; quem possuísse a

malícia adaptadora, tornando-se apto a receber também o louvor e a recompensa da execução «au jour».

Mabe não deve ser incluído entre êsses. Se êle incorre no acontecimento, vai dominado pelo instinto e pela intuição que o servem e nele se desmandam; incorpora-se, como devia, ao «padrão da cultura dominante», mesmo mediante poucas notícias. Dono de uma boa imaginação, a que produz a boa imagem, no sentido existencial, como nô-lo descreve Jeanne Hersch, procede Mabe às «sedimentações interiores», donde emergem suas estruturas situadas no céu e na terra, irrealmente, onde elas são, como o poeta deixou escrito, muito mais numerosas do que possamos sonhá-las. Mabe é o revelar dêsse mundo arbitrário, «totalidade limitada exigindo uma existência intrinsecamente nucleada e justificada (per se)», a qual, «absolutamente, deve ser, ela, e não outra».

Dessa intrínseca necessidade de que a ação do artista se liberta, nascem as formas, as imagem residuais, em Manabu Mabe, «metáforas axiomáticas», como as chamaria Bachelard, porque implicando de certo modo no quadro da imaginação tramada pela psicologia ascencional.

O drama de Mabe é sua pintura não pode ser senão o que êle é, pois, ao contrário de um artista da moda, trata-se de um homem que só cabe em sua própria linguagem.

Na nossa admiração pelo artista não deixemos de colocar aqui esta advertência: Manabu Mabe correrá grandes riscos se aceitar qualquer contribuição externa ao seu mundo vital, à sua «art of internal necessity», do texto de Read.

Êle merece o interêsse que o cerca, prestigiando-o, pela sua arte, de que esta exposição da Galeria Sistina se faz tão inteira demonstração, com tudo o que acarreta de responsabilidade.